

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Educação Básica e Profissional  
Centro Pedagógico  
Especialização em Residência Docente para a Formação de Educadores da  
Educação Básica

EDUARDO DE MORAIS BRUM

**VIVENCIARTE,**  
**O encontro com as artes e a percepção do eu**

Belo Horizonte

2020

EDUARDO DE MORAIS BRUM

**VIVENCIARTE,  
O encontro com as artes e a percepção do eu**

Monografia de especialização apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica.

Orientador (a): Roberson de Sousa Nunes

Belo Horizonte

2020

CIP – Catalogação na publicação

---

B893v Brum, Eduardo de Moraes  
Vivenciarte: o encontro com as artes e a percepção do eu / Eduardo de  
Morais Brum. - Belo Horizonte, 2020.  
34 f. il. color.; enc.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola  
de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2020.

Orientador: Roberson de Sousa Nunes

Inclui bibliografia.

1. Arte na educação. 2. Arte – Estudo e ensino – Ensino fundamental. 3.  
Ensino – Aprendizagem. I. Título. II. Nunes, Roberson de Sousa. III.  
Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e  
Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 372.5  
CDU: 372.870.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
CENTRO PEDAGÓGICO  
SECRETARIA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO "RESIDÊNCIA DOCENTE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA"

## FOLHA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Cursista: EDUARDO DE MORAIS BRUM

Matrícula: 2018722900

Título do Trabalho: Vivenciarte: o encontro com as artes e a percepção do eu

### BANCA EXAMINADORA:

Professor(a) orientador(a): Roberson de Sousa Nunes

Professor(as) examinador(as): Claudio Emanuel dos Santos, Claudia Regina Fonseca Miguel Sapag Ricci, Tania Margarida Lima Costa

Aos 30 dias do mês de setembro de 2020, reuniram-se através de Teleconferência pelo aplicativo Zomm, os (as) professores(as) orientadores(as) e examinadores, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) cursista **EDUARDO DE MORAIS BRUM**. Após a apresentação, o (a) cursista foi arguido e a banca fez considerações conforme parecer abaixo.

### PARECER: APROVADO          NOTA: 90          CONSIDERAÇÕES:

Este documento foi gerado pela Secretaria do Curso de Especialização "Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica" baseado em informações enviadas pela banca examinadora para a secretaria do curso. E terá validade se assinado pelos membros da secretaria do curso.



Documento assinado eletronicamente por **Samuel Moreira Marques, Secretário(a)**, em 28/10/2020, às 18:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0338414** e o código CRC **70FF474C**.

## RESUMO

Esta monografia reúne os trabalhos realizados durante o Curso de Especialização *Lato Sensu* Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica. É composta pelo Memorial de Percurso do autor e pelo projeto Vivenciarte, desenvolvido com estudantes do 2º e 3º ano do 1º ciclo e do 1º e 2º ano do 2º ciclo nas aulas de Arte da Escola Municipal Dulce Maria Homem (EMDMH), pertencente à Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. A pesquisa pretendeu criar uma gama variada de estímulos sensoriais, investigativos, criativos, lúdicos, cognitivos, participativos e afetivos por meio das linguagens da Arte: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Articulamos atividades corporais e planejadas a visitas a espaços culturais e museais, manifestações populares, estudos biográficos e experimentação de materiais. O objetivo foi ativar e ampliar os conhecimentos artísticos-culturais nos estudantes a fim de exercerem um processo autônomo e consciente de construção de identidades possíveis.

**Palavras-chave:** Arte. Identidade. Vivências artísticas. Ensino. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This monograph brings together the work carried out during the Lato Sensus Specialization Teaching Residence Course for the Basic Education Educators. It consists of the Author's Memorial path and the Vivenciarte project, developed with students from the 2nd and 3rd year of the 1st cycle and the 1st and 2nd year of the 2nd cycle in the Art classes of the Municipal School Dulce Maria Homem (EMDMH), belonging to the Municipal Education Network of Belo Horizonte. The research aimed to create a varied range of sensory, investigative, creative, playful, cognitive, participatory and affective stimuli through the languages of Art: Visual Arts, Dance, Music and Theater. I coordinated bodily and planned activities with visits to cultural and museum spaces, popular events, biographical studies and experimentation with materials. The objective is to activate and expand the artistic-cultural knowledge in students in order to exercise an autonomous and conscious process of identity construction.

**Keywords:** Art. Identity. Artistic experiences. Teaching. Learning

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Visitação ao Centro Cultural UFMG, 2019 .....	23
Figura 2: Expressão do estudante Otávio – EMDMH, 2019 .....	23
Figura 3: Visitação ao Centro de Arte Popular CEMIG, 2019.....	23
Figura 4: Aula de arte: Confecção de objeto em argila – EMDMH, 2019.....	24
Figura 5: Expressão da estudante Rebeca – EMDMH, 2019 .....	24
Figura 6: Expressão do estudante Pedro Paulo – EMDMH, 2019.....	25
Figura 7: Aula de arte: Confecção de máscaras – EMDMH, 2019 .....	25
Figura 8 e 9: Aula de arte: Releituras do artista Inimá de Paula – EMDMH, 2019.....	26
Figura 10 e 11: Jogo estimulando interação entre as turmas – EMDMH, 2019.....	27
Figura 12 e 13: Sala interativa de arte, EXPODULCE – EMDMH, 2019.....	27

## SUMÁRIO

<b>1 MEMORIAL.....</b>	<b>8</b>
<b>2 PROJETO DE AÇÃO – VIVENCIARTE, O ENCONTRO COM AS ARTES E A PERCEPÇÃO DO EU .....</b>	<b>144</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	14
2.2 PROBLEMA .....	15
2.3 OBJETIVOS .....	19
2.4 JUSTIFICATIVA .....	19
2.5 DURAÇÃO DO PLANO DE ENSINO E PÚBLICO ALVO.....	20
2.6 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	21
2.7 PERCURSO METODOLÓGICO: OS CAMINHOS DA ARTE.....	22
2.7.1 Museus: Espaços de empoderamento cultural.....	22
2.7.2 Arte Mineira: Modelagem em argila.....	23
2.7.3 Identidade: Autorretratos e máscaras .....	24
2.7.4 Percepções no entorno: Paisagens cotidianas.....	25
2.7.5 Troca de experiências: Jogo interativo .....	26
2.7.6 Culminância.....	27
2.8 RECURSOS .....	27
2.9 AVALIAÇÕES.....	28
2.10 CRONOGRAMA.....	29
2.11 ANÁLISE E RESULTADOS OBSERVADOS.....	30
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>



## 1. MEMORIAL

Quando aluno do antigo grupo escolar (hoje equivalente às séries iniciais do ensino fundamental), em 1985, estudei na Escola Estadual Lúcio dos Santos, situada no Bairro Carlos Prates. Fui um aluno comum que participava das aulas, lanches comunitários, enfim, do cotidiano escolar. Lembro-me que todos os dias, no momento da entrada, fazíamos fila no pátio e, perfilados, cantávamos o Hino Nacional<sup>1</sup> acompanhados pelo som de sua clássica versão. A professora ficava de olho para ver se algum de nós estava conversando e caso flagrasse alguém desconcentrado, o xingamento era certo. Assim começava nosso dia, porém o momento mais esperado era o do recreio. Logo que batia o sinal, corria para a cantina na esperança de ter no cardápio do dia: mingau de aveia. Após ter repetido umas três vezes eu ia para o pavilhão, recém-inaugurado, que recebera o nome da atual diretora daquela época: “Pavilhão Diva Mattos Cattoni”. Gostava dessa escola, trago boas recordações de lá.

Findado este período, já na década de 1990, fui para a Escola Estadual Melo Viana, também situada no Bairro Carlos Prates, a fim de cursar o ginásio (atualmente equivalente ao segundo e terceiro ciclos do ensino fundamental). Não conseguia me adequar ao processo de ensino/aprendizagem. Faltava-me concentração nas aulas. Eu era um aluno muito indisciplinado<sup>2</sup>. Meu boletim parecia uma fantasia de carnaval com tantos riscos e notas vermelhas. Sempre passava de ano “na risca”, além de muitas recuperações. Quando cursei a antiga sexta série fui reprovado em português, porque infernizei tanto a professora durante o ano letivo, que na recuperação final me faltou um ponto e.... BOMBA!!! Ao repetir esta série, nada mudou, aliás, a turma mudou, mas meu comportamento não. Conversava muito em sala, atrapalhava as professoras propositalmente fazendo perguntas descontextualizadas, brincadeiras excessivas e coisas do tipo. Resultado: desta vez recuperação final em matemática. Será possível?! De novo?! A professora dos números e formas parecia um general de

---

<sup>1</sup> Ainda hoje, no ano de 2019, passados 34 anos após o episódio narrado acima, em pleno período democrático, nos deparamos com polêmicas em relação à execução do Hino Nacional em escolas públicas. Compreendo se tratar de uma linha tênue em que dependerá de qual finalidade se pretende com a execução desse símbolo nacional.

<sup>2</sup> Neste ponto o conceito de indisciplina está vinculado àquele/a estudante que não conseguia se adaptar à linha pedagógica tradicional, onde não há lugar para o aluno atuar, agir ou reagir de forma individual. (Vide FREIRE 1970).

alta patente, brava que só ela. Andava sempre com o semblante fechado, mas no fundo eu a achava engraçada, pois usava vários chapéus estranhos e possuía uma maneira peculiar de falar com sua língua “plesa”. Evidente que eu não perderia esta oportunidade de criar chacotas e de imitá-la, fato este que levava a professora ao extremo de sua raiva e a turma ao delírio. Resultado: BOMBA!!!

Lembro-me que certa vez, ao final do ano letivo, findado o último dia de aula, todos os “anjos” da escola se reuniram na quitanda do tio e compraram ovos para jogar nos demais estudantes. Não se surpreenda amigo leitor, se eu te disser que fazia parte desses “anjos”. Assim que o portão se abriu e os alunos saíram, nós, querubins, serafins e afins, começamos o bombardeio. Foi um corre-corre pra todo lado, muitos estudantes voltaram para dentro da escola e ficaram aquartelados junto com as professoras. Aliás, estas sabiam que, caso pusessem os pés pra fora seriam alvejadas com os ovos graúdos e podres selecionados especialmente para elas. Eu mesmo já estava parecendo um pintinho amarelinho, todo sujo de ovo. Fui alvo de muitos que me “adoravam”. Na verdade, o final dessa história pra mim foi o começo e explicarei os motivos. Quando aquartelamos os alunos e professores na escola, a direção teve a brilhante ideia de chamar a polícia, pois é, chamaram a polícia<sup>3</sup>. Eu estava em posição de arremesso de ovo quando fui içado do chão pelo colarinho por um guarda que parecia ter uns dois metros de altura. Não, não, uns dois metros e meio, talvez. Ele olhou pra mim e disse com aquela voz de Darth Vader: - “Nós vamos te levar em casa de viatura”. Aí meus amigos, nesse momento, eu já me sentia um morto-vivo só de pensar em chegar em casa com essa companhia.

Neste momento, estava passando o disciplinário da escola, nós o chamávamos de Vô. Eu mesmo o visitava muitas vezes em função das minhas peripécias. Por isso, ele já me conhecia e acho, acabou tomando simpatia por mim, pois, no meio dessa confusão, falou com o guarda que me conhecia e sabia onde eu morava. Então ele mesmo me levaria em casa e falaria com meus pais. O guarda me soltou e deixou que

---

<sup>3</sup> Note que quando a capacidade da escola de dialogar em direção à resolução dos conflitos falha abre-se uma lacuna que muitas vezes é resolvida por meio da segurança pública. O episódio narrado acima ocorreu em 1985, porém houve poucos avanços sobre esta questão frente aos diferentes desafios que o ensino público enfrenta atualmente. Refiro-me à Rede de Ensino Estadual de Minas Gerais e à Rede de Ensino Municipal de Belo Horizonte, porque são as redes nas quais atuo como professor, e ainda hoje, muitas vezes a polícia militar e a guarda municipal são chamados para mediar conflitos nas escolas.

eu fosse com o Vô. No caminho o Vô dizia que eu tinha extrapolado e que eu era um menino bacana demais pra ficar fazendo essas coisas. Mais adiante um pouco, passado mais alguns quarteirões, cada um seguiu seu caminho. Confesso que essas palavras me tocaram. Fui pensando em como poderia reverter essa situação. Queria, de fato, ser o cara bacana que o Vô falou. Eu sabia que tinha potencial, só não tinha ainda me despertado para tal.

As férias começaram e eu fiquei com essa imagem do Vô me dizendo essas coisas. Pra minha sorte fiquei sabendo de um concurso para entrar no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Fui logo me inscrever por iniciativa própria. Isso ocorreu em 1991 quando eu tinha 13 anos de idade. Lá o jovem voltaria para a quinta série e faria até a oitava em dois anos. Além de aprender um ofício, (no meu caso optei por mecânica de automóveis). Fiz e refiz as contas e cheguei à conclusão de que se passasse no concurso perderia apenas a primeira bomba, ou seja, apenas um ano de estudo do ensino fundamental. Fiz a prova como se fosse a única coisa no mundo que existisse e diante tanta dedicação, o resultado não poderia ser outro senão a aprovação. Fui logo imaginando as bombas que lá tomaria, dado meu histórico de fracassos até o momento, mas ao contrário do que se poderia imaginar, encontrei à minha frente um regime disciplinar do qual logo me adaptei. Isso foi minha salvação. Refletindo a prática de Makarencó, a disciplina não estava na instituição e sim ao que eu trouxe comigo para a vida. Resultado: fui um dos melhores alunos, tanto nos conteúdos regulares quanto no ofício de mecânico, recebi honrarias. Hoje questiono se naquela época o mal desempenho escolar era uma responsabilidade exclusivamente minha ou da ausência de leitura por parte das instituições tradicionais que perceba o estudante de maneira integral. Havia um impasse pedagógico estabelecido, pois ao mesmo tempo em que não conseguia me adaptar aos métodos de ensino e aprendizagem, a escola não abordava linhas pedagógicas mais adequadas para este tipo de situação.

Frente a tantas novidades no SENAI, rapidamente me adaptei ao processo de ensino dessa escola. Passávamos o dia todo lá, no período da manhã aulas práticas e teóricas de mecânica realizadas em um galpão enorme e imponente que nos enchia de orgulho de si. À tarde aprendíamos as disciplinas regulares de Matemática, Português, Ciências, Desenho Técnico, OSPB (Organização Social Política Brasileira) e Educação Moral e Cívica. Sendo que, a disciplina de Ciências se desmembrava em

Biologia, Física e Química. E as disciplinas de OSPB e Educação Moral e Cívica se dividiam em História e Geografia.

O mais curioso pra mim é que não ficávamos em uma sala com os professores fazendo rodízio. Cada educador tinha sua sala. Estas eram ambientadas de acordo com a disciplina, além de mostrarem a personalidade de cada professor apontado pelos objetos pessoais.

Lembro-me que em cada sala que entrávamos, um novo mundo se apresentava. A sala de ciências com todos aqueles aparatos laboratoriais: tubos de ensaio, trempes, termômetros, entre outros. Havia também, nesta sala, materiais relacionados à física e biologia: fios condutores, chaves de força, cabeças de plástico que nos possibilitavam visualizar o cérebro, e o Zé. Zé era o esqueleto de acrílico que Dona Olívia ostentava com orgulho. Foi nele que percebi a anatomia do corpo humano até então só conhecida pelos livros, mas agora era diferente, podia pegar, articular, entender como funcionava o movimento do corpo.

Cheguei a elaborar a máxima: “Os ossos não se movem, o que se move são as articulações”. Isso me valeu para exercer a profissão de ator, quando fui estudar a teoria do movimento.

As aulas de OSPB e Educação Moral e Cívica, de Dona Cecília, eram as que eu mais gostava. Não sei se pelo conteúdo, ou pela simpatia da professora, ou em como ela nos apresentava o conhecimento, ou se por tudo isso junto. Só sei que era apaixonado pela professora e por todo aquele universo.

Suas disciplinas, OSPB e Educação Moral e Cívica, serviam de pano de fundo para nos ampliar os olhares quanto aos mecanismos e processos vividos pela humanidade ao longo dos séculos. A sala era ambientada com mapas de todos os tamanhos e cores. Mapas populacionais, mapas políticos, industriais e vários outros. Havia um globo terrestre que eu adorava apreciá-lo imaginando o que as pessoas de outros países estariam fazendo naquele momento. Eu pensava: quantos nasciam e morriam enquanto eu estava ali? Qual era o lugar mais distante de onde eu estava? O mais alto? O mais quente? Quantas pessoas estariam almoçando naquele momento? Enfim, deixava que minha imaginação tomasse conta e me levasse pra bem longe! Foi com ela que aprendi a questionar as verdades. Ela nos instigava a perceber que havia outros pontos de vista, outras ideias que se contrapunham e dialogavam dialeticamente. Foi Dona Cecília que me ensinou a ver o mundo sob outro

prisma. Os conteúdos da história factual nos eram ensinados, porém a professora nos direcionava o olhar para vermos com a “ótica do vencido”, ou seja, levávamos a refletir que no processo civilizatório da humanidade existem forças em jogo que se opõem. Mostrou que, na maioria das vezes, os livros não demonstram os sentimentos, as angústias e anseios de determinado povo frente a um momento histórico. Hoje vejo que a professora subvertia sua função, pois o SENAI era uma escola que nasceu dentro do regime militar e este necessitava de mão de obra especializada e cabeças vazias. Dona Cecília fez de mim um sujeito ético, falávamos sobre os direitos do consumidor e do cidadão em geral. Conversávamos sobre as diferenças políticas entre Município, Estado e União e seus respectivos papéis. Adorava aquela professora!

Me lembro também de Dona Tereza, professora de língua portuguesa, todos diziam que eu era o preferido dela. Mas imaginem para uma professora de português ter um aluno que adorava realizar todas as leituras em voz alta maximizando as pontuações, interpretando e fazendo vozes diferentes. Era meu primeiro esboço de ator que, posteriormente, foi explorado pelas professoras Dona Cecília e Dona Tereza em uma encenação teatral que eu jamais esqueceria ocorrida em uma gincana entre as turmas da escola.

Tinha também o professor de matemática que era uma figura. Seu braço esquerdo não esticava totalmente em virtude de um acidente futebolístico, ficava sempre arqueado parecendo uma asa e isso rendeu a ele o apelido de Chico Marimbondo, ele era bastante brincalhão. Tinha um fusca branco que era seu xodó. Esse professor foi o responsável por me fazer, finalmente, entender aquelas regras matemáticas que até então eram inacessíveis para mim, anos mais tarde tive a honra de encontrá-lo na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e poder chamá-lo de colega.

Percebo que os conteúdos que apreendi e as descobertas que fiz somente foram possíveis porque passavam pela esfera do sensitivo, do corpo, próximo à minha realidade. Todas as experiências vibravam antes em mim para depois serem racionalizadas. Logo houve maior compreensão. Essa fase da minha vida serviu como um divisor de águas, pois se hoje sou um sujeito dinâmico, questionador e sonhador foi porque aquelas/es professoras/es me deram a oportunidade de sê-lo. Agora que tenho mais de “quarentanos”, Homem feito, pai de três lindas e inteligentes crianças,

artista, educador, e cidadão, tenho a pretensão de continuar sendo para os que iniciam ou para aqueles que já perderam a esperança, uma luz que acenderá a chama do saber em seus corações.

Somos sujeitos possuidores de diversas identidades que se confluem em direção ao encontro de si mesmo, na medida em que agimos na coletividade e nos deparamos com as diferenças<sup>4</sup>. Por este motivo optei neste memorial lembrar minha trajetória de estudante do ensino fundamental. As vivências, os encontros e desencontros que ocorreram nesta fase da minha vida foram cruciais para minha formação de cidadão e de professor além de contribuírem com meu percurso acadêmico. Hoje compreendo que cada estudante que encontro possui sua própria experiência, estas, dependendo de como sejam, podem macular profundamente suas histórias criando barreiras em relação ao seu aprendizado.

Ter resistido aos percalços de minha vida estudantil no período da infância e pré-adolescência proporcionou enxergar aqueles alunos que demonstram dificuldades de socialização e aprendizado de forma integral e humanizadora. Essa sensibilidade no olhar nos permite perceber quais abordagens pedagógicas devemos oferecer a estas crianças e adolescentes que encontramos em nosso caminho. Ter sido um aluno controverso tornou-me mais compreensivo com as adversidades. Almejemos sempre plantar sonhos e esperança no coração de cada estudante que pudermos tocar.

Hoje, mais que ontem e semente do amanhã...

---

<sup>4</sup> (Ver HALL 2006).

## **2. PROJETO DE AÇÃO – VIVENCIARTE, O ENCONTRO COM AS ARTES E A PERCEÇÃO DO EU**

A busca pela compreensão do ambiente ao seu redor, desde os tempos remotos, é que impulsiona o ser humano a manipular cores, formas, sons e gestos. Sua intenção é dar sentido ao mundo a sua volta a fim de compreendê-lo, de comunicar-se com o outro levando-os a relacionar, a construir novos conceitos e fundar suas bases culturais.

Partindo dessas premissas, as atividades propostas neste projeto, foram planejadas com o objetivo de possibilitar aos/as estudantes envolvidos diferentes vivências sensoriais, investigativas, criativas, lúdicas, cognitivas, participativas e afetivas.

### **2.1. INTRODUÇÃO**

Os alunos da Escola Municipal Dulce Maria Homem, do 2º ano do 1º ciclo<sup>5</sup> ao 2º ano do 2º ciclo, num total de dez turmas, desenvolveram atividades que abordaram as seguintes modalidades artísticas: artes plásticas, música, dança e teatro, nas aulas dos professores Eduardo de Moraes Brum e Patrícia Aparecida da Silva Santos<sup>6</sup>, que levaram em consideração a faixa etária de cada turma. Privilegiamos no planejamento uma abordagem triangular do ensino da Arte considerando os três eixos que, segundo Barbosa (2012), para se construir conhecimentos artísticos é importante: 1) conhecer a contextualização histórica da obra que se pretende analisar; 2) saber ler uma obra de arte nos seus mais variados aspectos; 3) realizar uma produção artística.

O projeto teve como detonador visitas a três museus de destaque da cidade de Belo Horizonte, escolhidos pelas diferentes abordagens artísticas que abrangem, para possibilitar uma socialização posterior mais ampla, através do compartilhamento de informações entre as turmas.

---

<sup>5</sup> A especialização Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica incentivou que os professores cursistas fossem multiplicadores em suas escolas de atuação. Seguindo essa premissa foi possível envolver neste projeto a professora de Arte Patrícia Aparecida e suas respectivas turmas do 1º ciclo.

<sup>6</sup> Pedagoga, formada pela Universidade do Estado de Minas Gerais (FAE/UEMG), especialista em Psicopedagogia, Metodologia do Ensino de Arte e Educação Musical. Professora do Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Belo Horizonte

As atividades propostas abordaram releituras e contextualização histórica de obras, técnicas de desenho, colagem, recorte e pintura, observação, modelagem em argila, socialização de experiências através de jogos interativos, confecção de máscaras e vivências teatrais, além de debates sobre cultura, construção de identidades através das manifestações artísticas e valorização da cultura popular.

Como forma de registro, também foram confeccionados “Lapbooks”<sup>7</sup> abordando informações de cada um dos museus visitados pelas turmas, contendo fotos das visitas, impressões e descobertas dos alunos, além de informações históricas, artísticas e culturais sobre os prédios que abrigam cada um dos espaços, detalhes sobre o tipo de exposição que abrigam e a finalidade sociocultural de cada um dos centros culturais.

## **2.2. PROBLEMA**

É importante reafirmar que, enquanto mediadores de conhecimento, nossa contribuição para a construção de identidade(s) dos(as) educandos(as), pode se dar na medida em que devemos proporcionar um leque variado de vivências artísticas. Essas ações acontecem quando levamos o(a)s estudantes a locais de arte e cultura em nossas cidades ou quando estimulamos seus familiares, em reuniões com a comunidade, a realizarem visitas a espaços museais e de cultura, seja de forma física ou virtual. Além de fomentar sua própria produção artística de tal maneira que ele(a) possa, por meio da arte, transcender os muros da escola, levando consigo valores que os auxiliem na cunhagem de suas próprias identidades culturais, o estudante é impulsionado, nas aulas de arte, a participar da vida artística de sua cidade, frequentando os espaços de culturais da região. Além disso, podem ser feitas diversas visitas a espaços virtuais e consultas a obras literárias, fotográficas, videográficas etc., que revelem outras culturas regionais, nacionais e internacionais.

---

<sup>7</sup> "Lapbook" significa livro de dobras, sobreposição ou abas. Em tradução literal livro de colo. Geralmente consiste em uma pasta de papelão, como uma pasta de arquivo, com pequenos pedaços de papel dobrado colados em seu interior contendo fotos, diagramas, ilustrações, etc. relacionados ao assunto estudado. Os “Lapbooks” podem ser adaptados para qualquer disciplina e ano escolar, sendo uma forma estimulante e criativa de registro.



Nesse sentido, ao refletirmos sobre a trajetória individual estudantil<sup>8</sup>, percebe-se que cada sujeito possui múltiplas facetas que se confluem em direção ao encontro de sua identidade, na medida em que agem na coletividade e se deparam constantemente com as diversidades. Por este motivo, relembro minha trajetória de estudante do ensino fundamental, compreendo que as vivências que ocorreram nesta fase da minha vida estudantil foram cruciais para minha formação de cidadão e de professor, além de contribuírem com meu percurso acadêmico. Hoje compreendo que ao me deparar com cada estudante no processo educativo, este possui um nível de conhecimento prévio e suas próprias experiências empíricas. Tais experiências podem ser extremamente positivas, contudo, dependendo de como elas sejam, podem macular profundamente a história pessoal do indivíduo, criando barreiras em relação ao seu processo de aprendizado.

Percebo que ter sido um aluno controverso tornou-me mais compreensivo com as adversidades que porventura encontro em sala de aula, como professor. Passar por dificuldades em minha vida estudantil, tê-las superado e fazer a escolha por este percurso acadêmico fundamentado na prática no campo da educação e da arte, me levam-me a compreender como o ensino da arte pode auxiliar na conquista de autonomia e criticidade, sobretudo, para aquelas pessoas social e/ou economicamente desfavorecidas. De um modo geral, penso também em como este ensino pode contribuir na construção de identidade dos educandos.

Diante dessas considerações, o fato de ter desenvolvido um trabalho substancial nas aulas de arte do 2º ciclo do ensino fundamental em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte, que abarcou a ideia do sujeito multifacetado e sua crise de identidade cultural, levou-me a elaborar, em conjunto com outra professora de arte da escola, o projeto Vivenciarte - Apreciar, refletir, criar<sup>9</sup>. Este projeto consistiu em construir junto ao estudante seu próprio processo formativo artístico, permitindo a

---

<sup>8</sup> Realizaremos um recorte no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental em função de abordarmos neste artigo o ensino da arte nesta fase da Educação Básica.

<sup>9</sup> Projeto de Ação apresentado no curso de Pós Graduação Residência Docente com Especialização no Ensino da Arte da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / Centro Pedagógico e executado na Escola Municipal Dulce Maria Homem da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Professor Residente: Eduardo Brum. Supervisão: Professora Sílvia Amélia. Coordenação: Professor Roberson Nunes.

ele experimentar, no campo das artes visuais, as “seis dimensões do conhecimento”<sup>10</sup> que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística” (BNCC, 2018, p.195).

Em uma das fases do projeto, o(a)s estudantes eram convidados a se assentarem em duplas, posicionados frente a frente e desenharem o retrato do(a) colega com lápis de cor e papel sulfite A4. Ele(a)s eram estimulados a perceberem os detalhes das feições faciais e demais características físicas do(a) colega e retratá-lo(a)s, simultaneamente. Muitos eram os assuntos que surgiam nas duplas de alunos(as). Apesar de variados temas, os comentários possuíam sempre o mesmo teor: (no meu modo de entender) o encontro com as alteridades. Ele(a)s afirmavam que até o momento não tinham se despertado para o quanto suas características físicas e de personalidade eram diferentes e que, apesar dessas diferenças, ainda assim se identificavam enquanto crianças pertencentes à mesma comunidade escolar e com realidades sociais muito parecidas.

Com a utilização desta prática em turmas de 2º e 3º ano do 2º ciclo do ensino fundamental foi possível perceber que, o ato simultâneo de retratar o(a) colega a sua frente, por meio de desenho em papel, possibilitava aos estudantes enxergarem como eles eram vistos uns pelos outros e como eles enxergavam estes outros, além de gerar mutuamente nestes indivíduos a sensibilidade de refletirem sobre como expressarem este olhar, sem que houvesse qualquer tipo de preconceito ou discriminação. Quando esta percepção aflorou entre a maioria dos/as alunos/as, percebemos que houve concretamente o início da percepção de uma identidade mutável a partir do coletivo. A atividade possibilitou que o(a)s participantes comesçassem a se perceber através do olhar do outro, deslocando as relações sociais como cerne da questão. Nesse sentido, podemos dizer que houve um “descentramento” na percepção desses(as) estudantes a partir da relação criada entre eles por meio da percepção das alteridades, além de suas relações com o contexto social no qual estavam inseridos. A ideia de descentramento nos possibilita compreender que o sujeito desloca seu olhar, que antes estava voltado apenas para

---

<sup>10</sup>“Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. As dimensões são: Criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.” (BNCC, 2018, p.195)

si (a própria pessoa no centro de todas as coisas), em direção ao outro e à coletividade, relativizando assim a questão das múltiplas identidades possíveis.

Este exercício de olhar o outro refletindo sobre as potencialidades dele e de auto observar-se percebendo a diversidade enquanto fundamento para consolidação de uma coletividade sadia, iniciou um processo de desconstrução de uma noção egocêntrica das coisas. Deslocando o foco de suas concepções pessoais, a pessoa passa a perceber que o mundo não gira mais apenas em torno dela, mas que ela faz parte de um todo muito maior, com o qual dialoga numa relação de contribuição e aprendizagem. Ela passa a perceber que não é o centro das atenções. Que nem tudo acontece em função dela. No lugar disso, a percepção do todo nos ensina que fazemos parte de um conjunto. Passamos a estimular a percepção no(a) estudante de que ele(a) compõe esse conjunto com outras pessoas com as quais pode se identificar em maior ou menor intensidade, mas que eles(as) não estão sozinho(as) nesse universo de sensações e percepções. Todo(a)s nós fazemos parte de um coletivo que se afeta. A arte nos possibilita perceber como fazemos parte de um coletivo diverso e rico em diferenças, do qual somos interdependentes e que, assim sendo, é bom que criemos ambientes e relações colaborativas.

O confronto entre estas relações desencadeou em nós e em nosso(a)s educandos questionamentos sobre possíveis (re)construções de identidades imaginárias, a partir da reflexão sobre a(s) nossas próprias imagens percebidas sob o aspecto subjetivo e, também, sob o olhar do(a)s outro(a)s. Ou seja, a partir desse jogo de espelho invertido, ele(a)s começaram a perceber que quando centramos nossas ações no individualismo não conseguimos perceber, ou sequer valorizar, a diferença que há no outro. Em sua análise sobre a relação entre alteridade/identidade, o professor de sociologia Francisco Porfírio aponta que:

A alteridade é o reconhecimento de que existem pessoas e culturas singulares e subjetivas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras. Reconhecer a alteridade é o primeiro passo para a formação de uma sociedade justa, equilibrada, democrática e tolerante, onde todas e todos possam expressar-se, desde que respeitem também a alteridade alheia. (Porfírio, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>. Acesso em 20 de julho de 2020).

Quando deslocamos nossa atenção para o próximo, conseguimos fortalecer a coletividade. Esse deslocamento no olhar privilegia aquelas relações em que há o respeito à diversidade, às diferenças e, para além disso, à valorização das alteridades.

## **2.3. OBJETIVOS**

### **2.3.1 Objetivo Geral**

A intenção deste projeto foi estabelecer em sala de aula, no ensino da arte, novas possibilidades de ampliação do arcabouço cultural dos(as) estudantes que proporcione a eles(as), certa aquisição crítica e criadora da experiência humana (FREIRE, 2000). Procurou-se conduzir este estudante à possíveis reflexões e ações sobre os processos de construção de suas próprias identidades possíveis. Apontar para as constantes desconstruções de modelos culturais engessados que costumam desconsiderar a diversidade.

### **2.2.2 Objetivos Específicos**

- Sensibilizar as crianças para o contato com as mais diferentes manifestações artísticas;
- Despertar para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem da criança ao vivenciar processos artísticos;
- Criar nos estudantes noção de liberdade artística para expressarem suas ideias e sentimentos a fim de compreenderem seus próprios processos de construção de identidades possíveis;
- Sensibilizar os alunos para perceberem aspectos positivos sobre os variados tipos de diversidades: cultural, racial, religiosa, entre outras;
- Desenvolver sua competência estética e artística nas modalidades da área de Artes Visuais, tanto para produzir trabalhos pessoais e em grupo quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar bens artísticos de distintas técnicas e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade.

## **2.4. JUSTIFICATIVA**

Além de valorizar os sistemas de linguagem oral e escrita, a escola precisa criar oportunidades para a criança realizar experiências que ampliem seu desenvolvimento

relacionado à competência simbólica. Através da arte, a criança pode fazer ligações entre diversas áreas do conhecimento, relacionando-as com seus conhecimentos prévios e seu cotidiano, possibilitando a ela criar suas próprias impressões do ambiente ao seu redor dando sentido em suas criações, gestos, formas.

Por isso, neste projeto, os alunos desenvolveram atividades das diversas vertentes das artes visuais. Conforme Barbosa (2012), privilegiamos no planejamento um tripé na abordagem que consistiu em três eixos para se construir conhecimentos em arte: apreciação artística, contextualização histórica e fazer artístico.

Na apreciação artística os estudantes visitaram espaços museais com mediação dos educativos e do professor residente com a finalidade de ampliarem seu olhar sobre obras de arte e sobre esses espaços de cultura. A contextualização histórica refere-se ao ato de criar momentos de reflexão sobre arte e sobre o fazer artístico, ativar conhecimentos prévios e proporcionar experiências aos estudantes para que possam realizar inferências elaborando conceitos e ideias sobre diversos fatos que circundam seu meio social. Por fim, no fazer artístico, os estudantes foram conduzidos a se expressarem com liberdade sem que houvesse ruídos do cotidiano e sem as amarras sociais das quais estão condicionados.

À luz de Stuart Hall foi importante dialogar com os estudantes sobre sua construção de sujeito reflexivo, uma vez que atualmente, segundo o autor, vivemos uma “crise de identidade”. Portanto, pretendi com este processo artístico conduzir os estudantes a criarem noções flexíveis de pertencimento e de autonomia.

## **2.5. DURAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO E PÚBLICO ALVO**

Este projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Dulce Maria Homem pertencente à Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. Estiveram envolvidas nesse processo dez turmas do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental, sendo estas, três turmas do 2º ano do 1º ciclo, três turmas do 3º ano do 1º ciclo, duas turmas do 1º ano do 2º ciclo e duas turmas do 2º ano do 2º ciclo, totalizando duzentos e cinquenta estudantes. O projeto se iniciou em fevereiro de 2019 com culminância em setembro do mesmo ano apresentado no evento Expoduce.

## 2.6. PRESSUPOSOS TEÓRICOS

Barbosa (2016), comemorando a incorporação das artes visuais, do teatro e dança à BNCC, nos diz que as artes são linguagens que complementam a linguagem verbal. Argumenta ainda que o trabalho com as artes visuais, a dança, a música e o teatro possibilitam à criança o desenvolvimento da capacidade de percepção visual. Qualifica a consciência corporal através do ritmo e do movimento, exercitando o equilíbrio físico e mental e a comunicação verbal, visual e gestual, sua capacidade de interpretação e conseqüentemente sua inteligência e percepção. E finaliza dizendo que estes pressupostos trarão benefícios para todas as áreas da vida dos estudantes ampliando seu repertório cultural. A educação não se adequa mais a um modelo verticalizado apenas de transmissão de saberes consagrados, ressignificando o conceito de formação e conhecimento, devendo englobar, além da dimensão científica, a perspectiva artística e cultural. Através do acesso aos bens culturais ocorre a sensibilização pessoal do sujeito, possibilitando a apropriação de múltiplas linguagens, tornando-o mais receptivo às relações interpessoais, favorecendo a percepção da identidade, subjetividade e alteridade.

Assim, é imprescindível que seja proporcionado à criança, precocemente, acesso a ambientes e atividades que propicie múltiplas vivências, expandindo os horizontes de conhecimento de tal forma que instigue e transforme o olhar, ampliando sua capacidade de leitura de mundo e compreensão do conceito de cidadania.

A arte não é apenas uma atividade dentro do contexto escolar, ela é patrimônio cultural e desta forma, toda criança tem direito de acesso a essa cultura artística, desses saberes culturais. Conforme Freire (1978), “herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo - o da história e cultura”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1996) é papel da escola “ensinar a produção histórica e social da Arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias”.

As linguagens da Arte vêm, nesse contexto, possibilitar a compreensão do mundo das culturas e do eu particular, levando-nos a relacionar, refletir e construir novos conceitos.

As crianças, em sua maioria, relacionam seus conhecimentos prévios às experiências de seu cotidiano, possibilitando criar suas próprias impressões do ambiente ao seu redor, dando sentido a suas criações, gestos, formas e assim vai construindo suas percepções iniciais, que influenciarão sua compreensão de mundo, ampliando sua capacidade intuitiva e simbólica.

A criatividade é considerada como parte essencial do homem, a qual dá equilíbrio à vida, auxiliando-o em seu cotidiano, nas resoluções de problemas e tornando o homem um ser mais criativo. A arte deve ser inserida na educação como forma de estimular o pensamento criador, para que a imaginação da criança e seu intelecto não se separem. (SANS, 2001, p.24).

Nesta perspectiva, o ensino da Arte deve ter, como um dos objetivos, sensibilizar as crianças para o contato com as mais diferentes manifestações artísticas. De acordo com a Base nacional Comum Curricular:

[...] essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BNCC, 2017, p.193).

Enquanto cria, desenha, canta, dança ou representa ela é livre para expressar suas ideias e sentimentos.

## **2.7. PERCURSO METODOLÓGICO: OS CAMINHOS DA ARTE**

“O ensino da arte deve provocar experiências. É através da experiência que vamos descobrindo o que é essencial” (BARBOSA, 2012).

### **2.7.1 Museus: Espaços de empoderamento cultural**

Os espaços museográficos, segundo a definição de Camargo (2002) “(...) são edificações ou construções que pretendem perpetuar a memória de um fato, de uma pessoa, de um povo.” Desta forma, é preciso que os estudantes tenham acesso a esses espaços de cultura onde terão ampliados seus saberes e conhecimentos de diferentes naturezas, além de conhecer o processo de construção de identidade de

seu povo. Como consequência desse conhecimento, a criança terá condições de reconhecer-se dentro de sua comunidade e de sentir pertencente a esse grupo.

(...) Museus são mágicos. Eles mexem com o imaginário, com o inusitado, com a memória, com a fantasia. Penso que o maior desafio das escolas e dos professores em relação às saídas a museus, chamadas muitas vezes como saídas culturais, aula de campo ou atividade em campo, é mostrar à criança com entusiasmo que esses lugares são espaços prazerosos de apreciação, lugares de encontro, de partilha. (GAMEIRO, 2011).

Pensando uma abordagem diversificada, foram escolhidos para as aulas-passeio o Centro de Arte Popular – CEMIG, pela abordagem da cultura regional, destacando artistas mineiros e valorizando a tradição popular; o Museu Inimá de Paula, por preservar e divulgar a obra de um pintor mineiro do século XX, que retratou em suas obras suas vivências demonstrando sua visão de mundo e; o Centro Cultural UFMG, que traz exposições voltadas para a experimentação artística e processos criativos, envolvendo artes plásticas, música e dança.

Figura 1, 2 e 3



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor (2019)

### 2.7.2 Arte Mineira: Modelagem em argila

A criança é movida pela curiosidade e necessidade de contato com materiais diversos, bem como a sua experimentação, expressando assim suas ideias e emoções.

Visitando o Centro de Arte Popular-CEMIG (CAP), os alunos das turmas de 2º ano do 1º ciclo puderam ver o quanto a argila, matéria-prima da cerâmica, é amplamente utilizada por artistas mineiros em suas obras que retratam a cultura local onde vivem. Com o intuito de proporcionar uma vivência às crianças de manipulação



desse material, foi proposto a elas que reproduzissem algumas das peças observadas na visita ao CAP utilizando argila. Segundo Souza:

Em qualquer nível, a modelagem oferece ao aluno meios de projetar suas experiências com o mundo que o cerca, além de favorecer a descarga emocional, sendo calmante de indiscutível efeito. Com a possibilidade de fazer e refazer o trabalho (que só na pintura a dedo existe), ela também dá alto confiança a quem a pratica. (SOUZA, 1970, p.135)

A modelagem permite que expressemos nossos pensamentos sem precisar exprimir palavras: o movimento, a forma, o volume e o gesto trazem a linguagem viva do mundo interior, refletindo o caráter e o temperamento com fortes impressões da personalidade (GABBAI, 1987).

Figura 4 e 5.



"A AULA COM ARGILA É MUITO LEGAL! A GENTE PODE FAZER NOSSA PRÓPRIA ARTE USANDO A IMAGINAÇÃO."

(Esther - 7 anos)

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor (2019)

### 2.7.3 Identidade: Autorretratos e máscaras

A Arte pode contribuir para o processo de construção da identidade, uma vez que pode ser praticada como meio de autoconhecimento, através de processos criativos de experimentação que levem o indivíduo a compreender melhor sua autoimagem, suas limitações, valores e sensações.

Com esse intuito as turmas do 2º ciclo, inspirados nos trabalhos do artista mineiro Inimá de Paula, produziram retratos e autorretratos, refletindo sobre questões inerentes a formação da identidade do indivíduo, como o respeito às diversidades compreendendo diferentes pontos de vista, inerentes à vida em sociedade.

Usando técnica de colagem os alunos também produziram máscaras com papel jornal, com o objetivo de pensar sobre as "máscaras culturais" que utilizamos em nossa vida em sociedade e as "personagens" que criamos no nosso cotidiano.

Sob essa ótica, o ser humano na atualidade vive em uma agitação diária. Nossa rotina mal cabe em 24 horas. Acordamos cedo antes do sol, tomamos café, lemos as

notícias, vamos trabalhar, crianças pra escola, chegamos atrasado, trânsito intenso, buraco na pista, muita fumaça, no trabalho mil tarefas, na escola tem prova, os filhos mal estudaram, bate o sinal, hora do almoço, comemos rápido, vamos ao banco, boleto atrasado, começa o segundo tempo, aula de arte, ensaiam a dança, batem tambor, no trabalho mil coisas por fazer, para um pouquinho, bebemos água, tomamos café, voltamos pra lida, bate o sinal, calor tá demais, voltamos pra casa, trânsito intenso, fazemos janta, tem para casa, vai tomar banho criança, vemos novela, deitamos no sofá, vamos descansar...

Usamos várias máscaras em um mesmo dia. Já parou para pensar que você são vários em um só?

Figura 6 e 7



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

#### 2.7.4 Percepções do entorno: Paisagens cotidianas

A visita ao Museu Inimá de Paula pelas turmas do 3º e 5º anos do ensino fundamental, despertou a curiosidade acerca de particularidades da obra do autor como as técnicas de pintura utilizadas, o estudo autodidata da Arte pelo pintor mineiro e seu olhar diferenciado para paisagens cotidianas representadas em alguns de seus quadros.

Após várias conversas sobre as obras de Inimá de Paula, a vivência proposta aos alunos foi de fazer a releitura<sup>11</sup> de algumas obras, usando lápis de cor e giz de cera e a produção de desenhos inéditos individuais, inspirando-se no processo criativo

<sup>11</sup> Produção artística com nova interpretação de uma obra de arte, sem se distanciar do tema original.

do artista, que partia de fotografias de paisagens com algum valor simbólico ou emocional para realizar as pinturas de seus quadros.

As releituras serviram de preparação e inspiração para as produções individuais, ampliando a percepção de detalhes, possibilitando reflexões sobre as etapas de criação artística e a visão do artista em questão, na representação de seu entorno.

Figura 8 e 9



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

#### 2.7.5 Troca de experiências: Jogos interativos

A inserção do jogo no “Projeto Vivenciarte” se deu com o objetivo de propiciar de forma lúdica, o conhecimento sobre a história dos três diferentes espaços culturais visitados pelas turmas de 2º a 5º anos do Ensino Fundamental, possibilitando a troca de impressões e aprendizagens entre turmas que vivenciaram experiências distintas. Conforme Jordão, Martini e Salomão:

O jogo mobiliza esquemas mentais, estimula o pensamento, a ordenação de tempo e espaço; integra várias dimensões da personalidade, afetiva, social, motora e cognitiva (JORDÃO, MARTINI e SALOMÃO 2007, p. 9).

Os jogos elaborados foram o “Dominó Interativo” que trouxe informações sobre o Centro de Arte Popular, Museu Inimá de Paula e Centro Cultural UFMG, com frases que se completavam à medida que as peças do dominó eram organizadas. Os alunos foram agrupados em trios de maneira que cada agrupamento fosse composto por alunos que visitaram espaços diferentes, para que houvesse a interação com troca de conhecimentos adquiridos nas pesquisas de campo.

O segundo jogo foi o “Memória Cultural”, pensado de acordo com as regras do tradicional jogo da memória, trazendo fotos de espaços e obras dos diferentes

espaços culturais, podendo também ser jogado com a interação entre turmas de anos diferentes ou dentro de uma própria classe.

Figuras 10 e 11



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

### 2.7.6 Culminância

A culminância do projeto foi a montagem da sala interativa de Arte na Feira de Cultura da escola, Expodulce, realizada no dia 21 de setembro de 2019. Toda a comunidade escolar pode ver as produções finalizadas de cada turma, além de vivenciar algumas experiências vividas pelos alunos como o desenho de autorretratos, manipulação de máscaras, contato com jogos e experiências artísticas envolvendo fotografia e filmagem. Cores, luz e som, foram usadas para despertar a criatividade dos visitantes, levando-os a vivenciar a Arte em sua essência, como representação dos sentimentos e sensações.

Figuras 12 e 13



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor (2019)

## 2.8. RECURSOS

Os materiais utilizados para desenvolvimento desta proposta foram: 25 pinceis chatos (condor ou similar) nº20; 25 pinceis redondos (condor ou similar) nº14; Tinta

guache (Acrilex ou similar de boa qualidade) 250ml / 2 vidros de cada cor: vermelho, azul-claro, azul-escuro, amarelo, verde, branco, preto, laranja, marrom, roxo; Durex colorido (3 de cada cor): vermelho, azul, verde, amarelo, preto; 3 rolos fita pvc transparente; 6 caixas de giz de cera (Com 12 cores); 49 folhas de EVA (7 folhas de cada cor): vermelho, azul, verde-escuro, amarelo, preto, laranja, verde-claro; Impressões fotográficas; Impressões coloridas; Plastificação (Em torno de 140 folhas); 25 Refil de cola quente (fino); 4 litros de cola branca; Adereços teatrais: chapéus diversos, gravatas coloridas, tecidos de cetim, lenços (seda ou similar), plumas; 2 rolos de barbante; 100 folhas de papel 60kg; 30 folhas de papel color set azul claro; 50 folhas de papel color set vermelho; 4 pcts de papel ofício colorido (1 de cada cor): azul, verde, amarelo e rosa; 2 pct Papel Lumini (Fluorescente/Cores sortidas); 150 colchetes metálicos; 125 sacos plásticos – Tamanho ofício; 01 retroprojektor; 02 tvs de 40 polegadas; 01 câmera filmadora; 01 rolo de TNT preto; 01 rolo de TNT branco.

## **2.9. AVALIAÇÃO**

Avaliação processual, formativa, considerando a realização de cada uma das atividades, sendo os registros orais, escritos, pictóricos ou fotográficos realizadas durante o projeto. A auto avaliação fez parte do processo, como meio de cada aluno refletir sobre sua prática.

O processo avaliativo em Arte não pode se resumir a examinar os produtos finais apresentados pelos alunos. A avaliação precisa ser coerente, contínua, formativa, compreendida pelos estudantes e absolutamente integrada à prática artística, avaliando-se todo o processo de criação e as especificidades que dele fazem parte, desde as análises e observações iniciais, passando pela escolha e manuseio de materiais, experimentações e troca de conhecimentos entre as crianças, levando-as a pensar sobre o fazer artístico e refletir sobre todas as etapas de produção.

Partindo desse pressuposto, a avaliação no projeto foi processual, examinando a aprendizagem ao longo das etapas do projeto, tendo como critérios o cumprimento de tarefas pré-estabelecidas, produções orais, escritas, pictóricas e fotográficas, participação produtiva nos grupos de trabalho, possibilitando assim, acompanhar a construção do conhecimento pelos alunos, analisar as dificuldades encontradas

individualmente e traçar estratégias para intervir e sanar problemas no decorrer do projeto.

A autoavaliação foi usada em várias etapas do projeto, por contribuir com a autonomia e autocrítica do aluno, levando-o a refletir sobre suas habilidades, dificuldades e traçar estratégias de como superar o que o impede de ter melhores resultados no trabalho avaliado.

## 2.10. CRONOGRAMA

MÊS/ANO	AÇÃO DESENVOLVIDA
• Fevereiro/2019_____	Apresentação do projeto aos estudantes; Agendamento dos espaços museais e centros culturais
• Março/2019_____	Visita ao Centro de Arte Popular CEMIG
• Abril/2019_____	Visita ao Centro Cultural UFMG
• Maio/2019_____	Visita ao museu Inimá de Paula
• Junho/2019_____	Pesquisa dos estudantes sobre as possibilidades das produções artísticas; Primeiros esboços sobre as produções artísticas dos estudantes
• Julho/2019_____	Produções artísticas dos estudantes
• Agosto/2019_____	Finalização das produções artísticas dos estudantes
• Setembro/2019_____	Apresentação aos estudantes do croqui da sala de arte para a mostra Expodulce; Organização e distribuição das tarefas para montagem da sala de interativa de arte; Montagem da sala interativa para a mostra Expodulce.

## 2.11. ANÁLISE DOS RESULTADOS OBSERVADOS

Envolvendo ao todo dez turmas com idades entre 7 e 11 anos, possibilitando visitas a museus, experiências em artes visuais, teatro, música e dança, interação entre turmas de diferentes idades através de jogos e reflexão crítica sobre cultura e manifestações artísticas populares, o projeto Vivenciarte contribuiu para o desenvolvimento das competências específicas propostas para o Ensino de Arte no ensino fundamental na BNCC<sup>12</sup>

- 1- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- 2- Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
- 3- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- 4- Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- 5- Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
- 6- Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
- 7- Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
- 8- Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
- 9- Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo. (BNCC, 2017, p.195 e 196).

---

<sup>12</sup> Base Nacional Comum Curricular

As atividades desenvolvidas durante o projeto Vivenciarte mostraram-se eficazes, no que diz respeito a incentivar os alunos em suas produções artísticas, desenvolver a criatividade, ampliar o senso-critico acerca de suas produções e respeito ao trabalho do outro e às diversidades. Por meio deste projeto foi possível despertar a sensibilidade, intuição, pensamento, emoções, subjetividades, ideias e percepções do mundo a sua volta, ampliando seu conhecimento cultural e artístico.



### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A arte é linguagem que expressa desejos, sentimentos, retrata questões sociais, antropológicas e culturais, de maneira interligada, sendo exteriorizadas a partir do fazer artístico, da experimentação do artista, materializando seus pensamentos, das vivências praticadas.

Ferreira Gullar (2010) escreveu que a arte existe porque a realidade não nos basta. E nessa perspectiva o projeto Vivenciarte possibilitou aos alunos participantes uma nova abordagem para o fazer artístico, perpassando pelas diversas linguagens da Arte, possibilitando o despertar da criatividade e o respeito à produção individual, a partir da contextualização histórica, cultural, observação e análise de obras, além da experimentação de técnicas e possibilidade de vivências, contribuindo para a ampliação da capacidade de leitura de mundo e de meios de intervenção sobre ele, compreendendo a cultura como produto das relações humanas, sendo as manifestações artísticas registros dessas identidades sociais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A importância do ensino das artes na escola, 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>. Acesso em: 13, set 2020.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: out. 2019.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo. ALEPH, 2002.

GABBAI, Miriam B. Birmann. **Cerâmica Arte da Terra**. São Paulo, SP: Callis LTDA, 1987.

GULLAR, F. **A pouca realidade**. Folha de São Paulo, São Paulo, Ilustrada. 7 mar. 2010.

JORDÃO, A.P.M.; MARTINI, M.; SALOMÃO, H.A.S. **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. In. PSICOLOGIA.PT O PORTAL DOS PSICÓLOGOS. [S.I.]: 2007. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>>. Acesso em: out. 2019.

EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres; GUEDES, Adrienne Ogêda. **Bordando palavras, costurando memórias: práticas de formação-ação**. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina (org.). Educação Infantil: formação e responsabilidade. São Paulo: Papirus, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2011.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. (Org.). **Infância e Produção Cultural**. São Paulo: Papyrus Editora, 2014.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO Luciana E. (Org.). **Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a Arte**. São Paulo: Papyrus Editora, 2015.

SANS, P. T. C. **Pedagogia do desenho infantil**. São Paulo: Átomo, 2001.

SOUZA, A M. **Artes Plásticas na Escola**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.